BLOOMSDAY - ANO IV

EPI OINOPA PONTON (epíteto de Homero: "sobre o mar escuro cor de vinho")

Com o épico **ULISSES**, sua obra maior, o irlandês **JAMES JOYCE** (1882-1941) revolucionou o romance moderno. Transcorrido em um único dia – **16 de JUNHO de 1904** – e em uma só cidade – **DUBLIN –** o enredo de **ULISSES** consegue abarcar toda a gama das emoções e experiências humanas que o leitor vivencia pelos olhos, ouvidos e entranhas de personagens inesquecíveis como **LEOPOLDO BLOOM, STEPHEN DEDALUS** E **MOLLY BLOOM**.

(In JOYCE, James. **Ulisses**. Tradução de Bernardina da Silveira Pinheiro. Objetiva: RJ, 2005).

24h de Leitura da obra: *das 8h do dia 5/6 às 8h do dia 6/5 no Centro Cultural Clube do Comércio (Rua XV de Julho, 310 – Centro de Irati).*

06 de junho de 2013 – Empório São Luiz – a partir das 19 horas

PROGRAMAÇÃO

ABERTURA – Comunicação Social/UNICENTRO/IRATI

Direção de Campus – Prof. Edélcio Stroparo/Profª Maria Rita

Chefia DELET/I – Profª Mariléia Gärtner

Imagens e sons – Rafael Machado (audiovisual/UNICENTRO/I)

Atração Musical: **BANDA JUST GROOVE** (Welligton:Contra-Baixo, Leandro: Voz e Violão; Ronald: Cubs; Lucas: Percussão). (a confirmar)

1. Performance dos alunos do 1º ano de Letras/Inglês, Português e Espanhol a partir da obra *Odisséia* de Homero (Coordenação: Professor Edson Santos Silva).

2. Resumo da obra Ulisses

"ULISSES": A JORNADA ÉPICA DE UM DIA

Quando James Augustine Aloysius Joyce nasceu, em 2 de fevereiro de 1882, no subúrbio de Rathgar, em Dublin, na Irlanda, o mais velho de dez

filhos de uma abastada família católica, não houve sinais místicos de que seria um bolchevique das letras, um revolucionário do fazer literário, tornando-se um dos gênios da literatura universal.
James Joyce, como ficou conhecido, foi um dos casos raros de escritores que produzem obras à frente de sua época - não como um profeta, mas um visionário. Escreveu poemas, contos e romances, alcançando o feito de não ser "o-escritor-de-uma-única-obra", mas de várias, todas fundamentais à evolução da literatura.

Seguramente, suas principais obras literárias são: "Dublinenses" (1911), "Retrato do Artista Quando Jovem" (1913), Ulisses" (1923) e "Finnegans Wake" (1939). Em todas, inovou nos campos léxico e semântico, causando um misto de estranheza e sedução aos leitores e críticos de meados do século XX, pouco habituados ao anti-convencionalismo nas artes.
Desde então, "Ulisses" é considerado seu romance mais poético, complexo, denso, enigmático, o anti-romance que subverteu as regras ortodoxas da narrativa, através de um processo descontínuo, numa espécie de captação verbal do fluxo mental. De certa forma, antecipou literariamente o que Freud, seu contemporâneo, viria a realizar na Teoria da Psicanálise. Entretanto, nunca se conheceram.

A vida agitada de James Joyce, com viagens e auto-exílio, contribuiu à criação de personagens visivelmente instáveis psicologicamente. O universo dublinense sempre esteve presente em seus escritos, ainda que tenha passado a maior parte da vida longe de Dublin, e da Irlanda.
Em 1904, James Joyce conheceu Nora Barnacle, uma camareira que não comungava de sua vida cultural, mas, apesar das diferenças, casaram-se, e o dia 16 de junho, marcado por ter sido o dia em que fizeram sexo pela primeira vez, foi imortalizado no romance "Ulisses", uma espécie de repositório de figuras reais, transfiguradas em personagens que vivem à beira da exaustão psíquica.

Em "Ulisses", o enredo intrincado e poético, espécie de "reinvenção" do personagem mítico de "A Ilíada" e "A Odisséia", do poeta cego Homero, possui inúmeros personagens e cabe no cotidiano de um dia: 16 de junho de 1904, precisamente em dezoito horas, na cidade de Dublin, Irlanda. Tudo gira em torno de Stephen Dedalus (recriação de Telêmaco, além de espécie de alter ego de James Joyce; o personagem surgiu primeiramente em "Retrato do Artista Quando Jovem") e o casal Leopold Bloom (recriação de Ulisses) e Molly (recriação de Penélope).

(No poema grego, Ulisses, casado com Penélope, deixa-a e o filho, Telêmaco, lançando-se numa jornada durante dezoito anos. Somente ao retornar é que Penélope deixará de fiar, desfiar e refiar, bordar, desbordar e rebordar sua teia, sem ceder aos apelos dos inúmeros pretendentes à sua mão, depois derrotados por Ulisses e seu filho.)
Leopold Bloom é judeu e trabalha como agenciador de anúncios para jornal, é livre pensador de cultura mediana, mas de infinita admiração pelo que supõe ser cultura, é infeliz no casamento e tem uma filha, Milly (já desperta ao sexo).

É discriminado por sua delicadeza e urbanidade de trato, por sua ascendência — ora é irlandês, ora judeu, ora estrangeiro, ora cidadão do mundo, suspeito e segregado. A tristeza recorrente em sua vida, e na da esposa, é o filho varão natimorto, personagem que como rima reaparece na

mente de ambos, ausência presente que impediu a felicidade do casal. Molly é aquela que podia ou teria querido casar melhor, é a que amou o esposo e não sabe se deixou de amá-lo, é a que o trai imaginariamente, é a que, no devaneio, recapitula amores, recapitulados também pelo esposo. A contagem do casal não coincide: ela não conta os quase-casos, ele os conta em parte, mas omite, ao que parece, alguns reais casos. Molly é humaníssima — Gea Tellus, a Terra Fecunda, a Terra-Mãe —, fora educada para ser dona-de-casa, mas falha nas tarefas.

No decorrer do dia, Stephen Dedalus e dois colegas, albergados nas ruínas de uma torre à beira-mar, debatem temas essencialmente teológicos e teleológicos. Depois, Stephen dá uma aula de história a garotos e recebe um salário. Caminha por uma praia, ruminando os pensamentos e ''lendo'' a marca de cifras, símbolos e signos nas coisas e seres.

Entra em cena Leopold Bloom, matinal, ''conversando'' com a gata, preparando o desjejum da esposa, antegostando o seu. Nada mais corriqueiro. Sai e perambula por Dublin, a cidade personagem, o espaço geográfico de sua jornada épica, puramente psicológica. Chega à casa de um amigo morto, cujo enterro acompanhará. Na redação do jornal, assiste a parte de um diálogo brandido por uns intelectuais presentes, Stephen, inclusive, mas não se conheciam. Vai, a seguir, almoçar, e peregrina em busca de local adequado.

Depois, ruma para uma consulta à biblioteca central, e continua suas andanças pelas ruas, temeroso de voltar cedo para casa. Ao contrário do Ulisses grego, a felicidade conjugal não o espera no lar, mas a insatisfação e o fantasma do filho morto. Detém-se num bar e ouve músicas e árias que o inebriam. Passa por uma taverna, visita um hospital, participa de uma comemoração improvisada entre médicos, estudantes e visitantes, inclusive, Stephen, impressionando-se pelo verbo deste, vendo-o endinheirado e quase bêbado, o que o preocupa. O sentimento paterno aflora, numa clara indicação da amizade que está prestes a iniciar-se. Alguns desse grupo resolvem ir a um bordel, ele e Stephen vão juntos. O pai, frustrado pela perda do filho; o filho, frustrado pela sua condição, buscando seu fim, ou um pai de fato.

Bloom e Stephen iniciam um relacionamento interafetivo, que, adiante, prossegue na casa de Bloom, madrugada adentro. Numa interpenetração psíquica, as falhas de cada um juntam-se no convívio de algumas horas do dia, até que o novo amigo chega a dividir o leito interconjugal do casal.

Ao final, Molly, antes de redormir, recapitula o dia e parte de sua vida, num fluxo psíquico, entre lúcida e ilúcida, num derramamento monologal que constitui o clímax do romance.

A densidade de "Ulisses" decorre da jornada psicológica dos personagens, num cotidiano aparentemente normal, descobrindo-se à medida em que interagem uns com os outros, no palco da cidade de Dublin. Literatura e drama são fundidos, chegando ao ponto de um longo trecho do romance ser escrito à maneira de uma peça teatral, rompendo os limites estéticos impostos, numa ânsia desenfreada dos personagens, em busca da comunicação como atenuante ao universo solitário, em que pessoas são cercadas de pessoas, porém, sem se conhecerem. Notavelmente atual, numa época em que a comunicação direta é substituída pela comunicação virtual, e as pessoas continuam a viver à beira da exaustão psíquica.

Mas, James Joyce não usufruiu em vida do sucesso descomunal de seus

escritos, principalmente "Ulisses" e a jornada épica de um dia. A vida desregrada, a bebida - bem ao sabor dos irlandeses -, a angústia de viver numa época que não o compreendia, levou-o a morrer em Zurique, Suíça, relativamente jovem e pobre, deixando um legado imprescindível à compreensão da literatura.

3. Por que o dia 16 de junho é um feriado mundial dedicado à literatura? (Jefferson Cassio Serratto – 1º ano Letras/Inglês)

BLOOMSDAY

Em homenagem ao romance de **Joyce,** foi criado o **Bloomsday**, em referência ao sobrenome do casal Bloom. Tamanho o culto ao livro que em todo dia 16 de junho comemora-se o Bloomsday na Irlanda e em outras partes do mundo. Na cidade de Dublin, os fãs de Joyce refazem o caminho percorrido por Leopold Bloom e Stephen Dedalus pelas ruas de acordo com a descrição encontrada na obra. Em Irati este dia é comemorado desde 2011.

(Elson Teixeira Cardoso In http://elsonteixeiracardoso.blogspot.com.br/2007/06/ulisses-jornada-pica-de-um-dia.html. Acesso em 23 maio 2013.

3. Leitura do Solilóquio de **Hamlet** com tradução de **Bárbara Heliodora** (Alunos do 1º ano de Letras)

Ser ou não ser, essa é que é a questão:
Será mais nobre suportar na mente
As flechadas da trágica fortuna,
Ou tomar armas contra um mar de escolhos
E, enfrentando-os, vencer? Morrer – dormir,
Nada mais; e dizer que pelo sono
Findam-se as dores, como os mil abalos
Inerentes à carne – é a conclusão
Que devemos buscar. Morrer – dormir;
Dormir, talvez sonhar – eis o problema:
Pois os sonhos que vierem nesse sono
De morte, uma vez livres deste invólucro
Mortal, fazem cismar. Esse é o motivo
Que prolonga a desdita desta vida.
Quem suportara os golpes do destino,
Os erros do opressor, o escárnio alheio,
A ingratidão no amor, a lei tardia,
O orgulho dos que mandam, o desprezo
Que a paciência atura dos indignos,
Quando podia procurar repouso
Na ponta de um punhal? Quem carregara

Suando o fardo da pesada vida
Se o medo do que vem depois da morte -
O país ignorado de onde nunca
Ninguém voltou – não nos turbasse a mente
E nos fizesse arcar co'o mal que temos
Em vez de voar para esse, que ignoramos?
Assim nossa consciência se acovarda,
E o instinto que inspira as decisões
Desmaia no indeciso pensamento,
E as empresas supremas e oportunas
Desviam-se do fio da corrente
E não são mais ação. Silêncio agora!
A bela Ofélia! Ninfa, em tuas preces
Recorda os meus pecados.

Ser ou não ser, essa é que é a questão.

4. Homenagem ao centenário de Dorival Caymmi: Alunos do 1º ano de Letras

Só louco
Amou como eu amei
Só louco
Quis o bem que eu quis
Oh! insensato coração
Por que me fizeste sofrer
Por que de amor para entender
É preciso amar
Porque
Só louco

5. Monólogo de **Molly Bloom** (parte final da obra **Ulisses** de James Joyce): lida em três momentos – pelos alunos de **Inglês** (coordenação de Ruth Mara Buffa, Ana Paula, Ana P. Laroca), de **Espanhol** (coordenação de Anelise Copetti, Fernanda Carraro, Edina Silva e Gabrielli Borges), pelos alunos de **Português** (coordenação Marileia Gartner, Andréia Hartmann e Edson Santos).

"… ..o sol brilha para você ele disse no dia que a gente estava deitado entre os rododendros no cabeço do Howth no terno de tuíde cinza e chapéu de palha dele dia que levei ele a se propor a mim sim primeiro eu dei a ele um pouquinho do bolinho-de-cheiro da minha boca e era ano bissexto como agora sim dezasseis anos atrás meu Deus depois desse beijo longo eu quase perdi minha respiração sim ele disse que eu era uma flor da montanha sim assim a gente é uma flor todo o corpo de uma mulher sim essa foi uma coisa verdadeira que ele disse na vida dele e o sol brilha para você hoje isso foi por que eu gostei dele porque eu via que ele entendia ou sentia o que é uma mulher eu sabia que eu podia dar um jeito nele e eu dei a ele todo o prazer que eu podia levando ele até que ele me pediu pra dizer sim e eu não queria responder só olhando primeiro para o mar e o céu eu estava pensando em tantas coisas que ele não sabia de Mulvey e do Sr Stanhope e Hesier e meu pai e do velho capitão Grovas e os

marinheiros brincando de coelho-sai e pula-carniça e lavar-pratos como eles chamavam no cais e o sentinela na frente da casa do Governador com a coisa em redor do capacete branco dele pobre diabo meio tomado e as garotas espanholas se rindo nos xailes e nas grandes travessas delas e os pregões da manhã os gregos e os judeus e os árabes e o diabo sabe quem mais de todos os confins da Europa e a Rua do Duque e o mercado de aves todas cacarejando em frente do Larby Sharon e os pobres dos burricos escorregando meio dormidos e os sujeitos vagos nas mantas dormitando na sombra nos degraus e as rodas grandes das carroças de touros e o velho castelo milhares de anos velho e aquèles mouros bonitos todos de branco e tuìbantes como reis pedindo à gente pra sentar nas lojinhas pequeninas deles e Ronda com as velhas janelas das posadas olhos vislumbrados em muxarabiê escondidos para o amante dela beijar o ferro e as bodegas de vinho meio abertas à noite e as castanholas e a noite que a gente perdeu o bote em Algeciras o vigia indo por ali sereno com a lanterna dele e oh aquela tremenda torrente profunda oh e o mar o mar carmesim às vezes como fogo e os poentes gloriosos e as figueiras nos jardins da Alameda sim e as ruazinhas esquisitas e casas rosas e azuis e amarelas e os rosais e os jasmins e gerânios e cactos e Gibraltar eu mocinha onde eu era uma Flor da montanha sim quando eu punha a rosa em minha cabeleira como as garotas andaluzas costumavam ou devo usar uma vermelha sim e como ele me beijou contra a muralha mourisca e eu pensei tão bem a ele como a outro e então eu pedi a ele com os meus olhos para pedir de novo sim e então ele me pediu quereria eu sim dizer sim minha flor da montanha e primeiro eu pus os meus braços em torno dele sim e eu puxei ele pra baixo pra mim para ele poder sentir meus peitos todos perfume sim o coração dele batia como louco e sim eu disse sim eu quero Sims.”

6. Sempre Vinicius: Alunos do 2º e 3º anos de Letras

Ausência

Eu deixarei que morra em mim o desejo de amar os teus olhos que são doces
Porque nada te poderei dar senão a mágoa de me veres eternamente exausto.
No entanto a tua presença é qualquer coisa como a luz e a vida
E eu sinto que em meu gesto existe o teu gesto e em minha voz a tua voz.
Não te quero ter porque em meu ser tudo estaria terminado
Quero só que surjas em mim como a fé nos desesperados
Para que eu possa levar uma gota de orvalho nesta terra amaldiçoada
Que ficou sobre a minha carne como uma nódoa do passado.
Eu deixarei… tu irás e encostarás a tua face em outra face
Teus dedos enlaçarão outros dedos e tu desabrocharás para a madrugada
Mas tu não saberás que quem te colheu fui eu, porque eu fui o grande íntimo da noite
Porque eu encostei minha face na face da noite e ouvi a tua fala amorosa
Porque meus dedos enlaçaram os dedos da névoa suspensos no espaço
E eu trouxe até mim a misteriosa essência do teu abandono desordenado.
Eu ficarei só como os veleiros nos portos silenciosos
Mas eu te possuirei mais que ninguém porque poderei partir
E todas as lamentações do mar, do vento, do céu, das aves, das estrelas
Serão a tua voz presente, a tua voz ausente, a tua voz serenizada.

Na sequência, apresentações livres. Todos estão convidados a participar das comemorações, com a leitura de trechos de *Ulisses* e outras obras literárias.